



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ- UESPI
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA- NEAD
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**



CASSIANO COSTA DO NASCIMENTO

**LAGOA GRANDE DE BURITI DOS LOPES: RETALHOS DA HISTÓRIA NA
PRODUÇÃO DE ARROZ ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 À SEGUNDA
METADE DA DÉCADA DE 2010**

Buriti dos Lopes – PI
JAN/2019

CASSIANO COSTA DO NASCIMENTO

**LAGOA GRANDE DE BURITI DOS LOPES: RETALHOS DA HISTÓRIA NA
PRODUÇÃO DE ARROZ ENTRE AS DÉCADAS DE 1980 À SEGUNDA
METADE DA DÉCADA DE 2010.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí como requisito
parcial para a conclusão do curso de
Graduação em Licenciatura Plena em História.
Orientadora: Prof.^aMa. Débora Silva Viana.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

**Prof.^a Ma. Esp. Débora Silva Viana
Orientadora**

Prof. Examinador

Prof. Examinador

Dedico em especial aos meus pais, João e Maria, aos irmãos Cristiano, Fabiano, Otaviano, Juscelino, Paulo, Alcione, Chagas, Fernando e esposa Ivamara Mendes, Raimundo e família e minha querida avó Conceição (já falecida) e por fim, aos meus amigos.

Gosto de caminhar pelas trilhas do campo, pelas plantações de arroz ladeadas por gramíneas selvagens, pisando conscientemente o solo maravilhoso. Nessas horas, a existência se torna uma realidade miraculosa e misteriosa. Normalmente, as pessoas consideram um milagre caminhar sobre a água ou no ar. Mas eu acho que o verdadeiro milagre é caminhar no chão. Todos os dias nos envolvemos em milagres que sequer reconhecemos: o céu azul, as nuvens brancas, as folhas verdes, os olhos negros e curiosos de uma criança - nossos próprios olhos. Tudo é um milagre”.

ThichNhatHanh

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que participaram de forma direta e/ou indireta para a realização deste trabalho de pesquisa, e ainda, sem os mesmos, este trabalho não seria possível;

Agradeço a minha família pelo essencial apoio, sempre;

Agradecer ao professor Mariano Sergio Pereira da Silva, à professora Débora Silva Viana e ao professor Golbery Gregório da Silva, pelos conselhos, pelos ensinamentos e conhecimentos adquiridos ao longo do período acadêmico e que certamente levarei para o resto de minha vida;

Agradecer a pessoa do Sr. Francisco Carvalho Nunes, mais conhecido como Neném Calixto, cuja colaboração fora de grande importância na realização deste trabalho e pela especial atenção dada ao meu trabalho de pesquisa ajudando assim, a fazer um pouco do resgate da história da produção do arroz neste município;

Agradecer aos demais que participaram e assim contribuíram para realização deste trabalho de pesquisa como o Sr. Lucimar dos Santos, Sr. Francisco Chagas Araújo, à D. Maria da Conceição, ao Sr. Pedro Vicente da Silva, ao Sr. João Batista e Samuel Fonseca pela modesta ajuda prestada.

À D. Maria José de Carvalho dos Santos, como uma pessoa que sempre tenta nos mostrar uma forma diferenciada de encarar a vida, a ter perspectivas, a acreditar em mim mais do que eu mesmo, em fim, por sempre me incentivar nos estudos;

Aos gestores das escolas Unidades Escolar Zezita Sampaio e Unidade Escolar Leônidas Melo, Dauricélia Almeida e Susita Maria de Amaral Silva e demais funcionários, respectivamente, por me receberem nestas escolas com total profissionalismo e respeito. Do mesmo modo, agradeço também ao professor Izael de Miranda.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo narrar por meio da Metodologia da História Oral, fazendo uso da memória dos sujeitos entrevistados os modos de fazer plantar e colher dos agricultores plantadores de arroz da cidade de Buriti dos Lopes realizado na Lagoa Grande de 1985 até os dias atuais. Procurando evidenciar a importância da Lagoa Grande para a economia, a população local e circunvizinha. Visando atingir os objetivos propostos e construir as fontes da pesquisa adotou-se como procedimentos metodológicos: num primeiro momento foi realizada a pesquisa bibliográfica acerca do tema; concomitante a leitura de livros, artigos, revistas entramos em contato com os homens e mulheres que trabalham plantando e colhendo arroz; posteriormente, mediante este primeiro contato e conversa, informal, com os sujeitos e objetos da pesquisa foi elaborado o questionário norteador das entrevistas; e no último momento, e início de uma nova etapa a escrita da pesquisa, foram realizadas as entrevistas. Adotou-se como suporte teórico de análise de todo material lido e coletado os seguintes autores: Burlamaqui (1864) que ressalta sobre o cultivo do arroz e os tipos de terras acessíveis à plantação; Utumi (2008) que aborda sobre a preparação e limpeza do solo para a plantação de arroz; Paul Thompson nos apresenta Metodologia da História Oral e a sua contribuição para o “resgate” da memória local/ regional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização da pesquisa e ressaltando a necessidade de preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem nos modos de fazer. Por fim, os principais resultados adquiridos foram: percebeu-se que o arroz é considerado um alimento essencial para muitas famílias da localidade, bem como é exportado para outros estados devido à grande quantidade de arroz produzido; verificou-se essencialmente a forma como era produzido o arroz ao longo dos tempos, destacando o que mudou de antigamente para a atualidade, ou seja, a facilidade encontrada, pois atualmente devido à tecnologia, toda produção é realizada mais rapidamente; entendeu-se que a importância do arroz deve-se a grande quantidade de sacos desse cereal produzidos no período das safras na Lagoa Grande, pois além de contribuir para o próprio sustento dos lavradores, também é utilizado como produto exportador, contribuindo para a economia e desenvolvimento da cidade de Buriti dos Lopes.

Palavras-chave: Arroz. História. Lagoa Grande. Memória.

ABSTRACT

This study aims to narrate by means of the methodology of Oral history, making use of the memory of the subjects interviewed ways of doing plant and harvest rice planters in town of Buriti dos Lopes held at Lagoa Grande from 1985 to the present day. Looking for highlighting the importance of big pond for the economy, the local and surrounding population. In order to achieve the proposed objectives and build the sources of the research were adopted as methodological procedures: The first time was carried out the bibliographical research about the subject; concurrent with the reading of books, articles, magazines, we got in touch with the men and women who work planting and harvesting rice; subsequently, by means of this first contact and conversation, informal learning, with the subjects and objects of research was to elaborate the questionnaire guiding the interviews; and at the last moment, and the beginning of a new stage in the writing of the research, I have conducted the interviews. We adopted as theoretical support of the analysis of all material read and collected the following authors: Burlamaqui (1864) which emphasizes on the cultivation of rice and the types of land accessible to cultivation; Utumi (2008) that discusses about the cleaning and preparation of the soil for the planting of rice; Paul Thompson introduces us to the Methodology of Oral History and its contribution to the “rescue” of memory, local/ regional, showing a method very promising for the realization of the research and emphasizing the need to preserve the memory and physical space, as well as discover and cherish the memory of the man in the ways of doing it. Finally, the main results achieved were: it was noticed that the rice is considered a food essential to many families of the locality, as well as is exported to other states due to the large amount of rice produced; it was found if essentially the way in which it produced the rice over time, highlighting what has changed from the past to the present, that is, to the facility, as currently due to technology, the entire production is carried out more quickly; it is understood that the importance of rice is due to the large quantity of bags of this cereal produced in the period of the crop in the Big Pond, because in addition to contributing to the proper sustenance of the farmers, it is also used as a product exporter, contributing to the economy and development of the city of Buriti dos Lopes.

Keywords: Rice. History. Large Pond. Memory.

LISTA DE SIGLAS

ADECPROLAB – Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Produtores da Lagoa do Buriti.

AAA - Associação de Arrozeiros de Alegrete.

CEPRO – Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE ARROZ NA LAGOA GRANDE DE BURITI DOS LOPES.....	15
2.1 A cidade de Buriti dos Lopes – PI.....	16
2.2 Histórias da produção do arroz na Lagoa Grande.....	17
3 PERSPECTIVAS APONTADAS PELOS PRODUTORES DE ARROZ DA LAGOA GRANDE DE BURITI DOS LOPES-PI	23
3.1 A importância da Lagoa Grande para o município de Buriti dos Lopes – PI....	23
3.2 Experiência na produção de arroz.....	25
3.3 O cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes.....	26
3.4 Histórias do cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes - PI.....	28
3.5 A importância do arroz para a economia de Buriti dos Lopes - PI.....	30
3.6 O processo de divisão das terras cultiváveis para a plantação do arroz.....	32
3.7 Os principais movimentos culturais ocorrem na cidade para comemorar o dia do rizicultor	34
3.8 As principais dificuldades quanto à plantação de arroz e as suas possíveis soluções	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
5 FONTES E REFERÊNCIAS	41
6 ANEXO: QUESTIONÁRIO PARA SUJEITOS DA PESQUISA.....	44

INTRODUÇÃO

A alimentação é essencial para a vida das pessoas e um alimento que é considerado primordial se trata do arroz, sendo bastante consumido em todo o mundo, além de ser considerado um forte contribuinte para a economia mundial. Nesse sentido, quanto à sua origem, há indícios de que surgiu por volta de 2.800 a. C, sendo considerada uma planta sagrada para o imperador da China. Portanto, seu consumo é considerado bem antigo e importante, pois o mesmo é visto até hoje como fundamental para uma boa parte das pessoas (FLANDRIN; MONTANARI, 1998).

Conforme Heisler (2008), o arroz é uma planta do tipo herbácea da família das gramíneas e sua cultura é chamada de orizicultura, palavra esta originada do nome científico do arroz, *Oryza sativa*, sendo considerado o segundo alimento mais consumido no mundo. Ainda segundo este autor, acredita-se que cerca da metade da população mundial consoma este cereal diariamente e em suas propriedades possui uma grande quantidade de carboidratos e sais minerais, trazendo assim vários benefícios ao organismo humano.

O arroz se enquadra dentro deste conceito especialmente por possuir o amido resistente, que é capaz de atuar no metabolismo e na fisiologia humana, promovendo benefícios como o retardamento de doenças crônico-degenerativas e conseqüentemente promovendo efeitos benéficos à saúde. Seu cultivo é tão antigo quanto à própria civilização, podemos assim dizer, pelo fato haver algumas indagações ou contradições quanto a sua origem (HEISLER, 2008).

No Brasil, o arroz passou a ser utilizado através da frota de Pedro Álvares Cabral, tendo o seu cultivo em terras brasileiras produzido apenas em 1530, na região considerada capitania de São Vicente naquele período. Posteriormente, veio a ser cultivado em outras regiões do país, tendo como destaque a região Nordeste, fato que pode ser observado na atualidade (PEREIRA, 2002).

Segundo Pereira (2002), as primeiras lavouras irrigadas de arroz no Brasil ocorreram na cidade de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul no ano de 1904. Logo após, ganhou espaço em Cachoeira do Sul, tendo grande ênfase em 1912 devido aos locomoveis, que eram veículos movidos a vapor, sendo esses acionados através de bombas de irrigação que contribuía para a preparação do terreno.

No município de Buriti dos Lopes-PI, o processo do cultivo do arroz manteve-

se de forma artesanal e rústico, pois antes do trabalho de colheita ser realizado por máquinas, o produto era colhido manualmente (*no cacho*) e utilizavam-se os pés para separar os grãos dos cachos. Esta era uma prática realizada até meados da década de 1960 e início de 1970, conforme descrito pela moradora Maria da Conceição (2018).

Portanto, este trabalho de pesquisa consiste numa exposição de relatos voltados para a produção de arroz no município de Buriti dos Lopes-PI, nas décadas de 1980 à segunda metade do ano de 2010, no qual se procurou evidenciar a importância desta lagoa para a economia e para a população local e circunvizinha.

Sendo assim, a problemática gerada foi à seguinte: quais os principais retalhos da história na produção de arroz entre as décadas de 1980 a 2010 da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes-PI?

A escolha do tema se deu pela familiaridade para com o processo de produção de arroz nesta Lagoa, além de mostrar um pouco desta relação com os habitantes da cidade em estudo, assim a intenção foi procurar trabalhar algo regional exaltando sua respectiva importância.

Este estudo possui como objetivo geral: expor relatos voltados para a produção de arroz no município de Buriti dos Lopes-PI de 1980 a 2010. Já os objetivos específicos elencados foram: Informar sobre as características peculiares do município de Buriti dos Lopes-PI, como localização, população, dentre outras; Evidenciar a importância da Lagoa Grande para a economia e para a população local e circunvizinha; Descrever as festas culturais que representam o dia do rizicultor para a cidade de Buriti dos Lopes.

Como meio de atingir os objetivos propostos neste estudo, o tipo de pesquisa selecionado foi à exploratória que segundo Gil (2007) é realizada para trazer maior interação do pesquisador com o objeto de estudo, buscando averiguar as hipóteses relacionadas, como também envolve um estudo bibliográfico e de campo como forma de atingir os objetivos determinados. Portanto, o pesquisador, por meio deste tipo de análise relaciona-se diretamente com o foco da pesquisa.

Para coletar os dados pertinentes a esse trabalho monográfico, optou-se pela pesquisa bibliográfica e de campo, que para Boccato (2006), a primeira é considerada rica por resolver um problema baseada em artigos, livros, ou vários outros referenciais trazendo, assim, as contribuições de autores com renome nas temáticas abordadas.

Assim, primeiramente foi desenvolvido um levantamento de publicações como artigos científicos, trabalhos monográficos, livros, revistas, páginas da web (*internet*)

nome pelo qual a rede mundial de computadores internet se tornou conhecida a partir de 1991, quando se popularizou devido à criação de uma *interface gráfica* que facilitou o acesso e estendeu seu alcance ao público em geral) como forma de dar mais respaldo à pesquisa.

Lançamos mãos de um conjunto de fontes que vão desde dados Estatísticos e estudos realizados pela Fundação CEPRO e pelo IBGE até a Metodologia da História Oral para nos aproximar das memórias construídas em torno da produção e colheita do arroz, por meio da entrevista temática.

Segundo Paul Thompson, “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E aos lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para o futuro construído por elas mesmas” (THOMPSON, 1998, p. 337). Portanto, por meio da Metodologia da História Oral, foi descrito tudo aquilo que não foi e nem está registrado em nenhum documento, sendo observado por meio das histórias contadas por quem vivenciou os acontecimentos enfatizados nesse estudo.

Já em relação à pesquisa de campo, Gil (2008), ressalta que esta procura o aprofundamento de uma realidade específica realizada por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações do que ocorrem naquela realidade. Sendo assim, o problema foi detectado diretamente, buscando tornar a pesquisa completa e verídica, além de buscar diante dos fatos resultados, as considerações acerca do que foi analisado.

Em relação à abordagem escolhida, trata-se da qualitativa que conforme Gil (1999), o uso dessa abordagem proporciona o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, assim, busca-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos. Neste ínterim, foram observadas as impressões dos sujeitos acerca da temática, visando uma reflexão na busca dos conhecimentos necessários para o desenvolvimento deste estudo.

A população selecionada para esta pesquisa refere-se aos moradores da cidade de Buriti dos Lopes-PI, que são considerados produtores de arroz com vasta experiência nessa área. Já a amostra escolhida para o desenvolvimento do presente trabalho, se trata dos produtores de arroz que trazem consigo uma grande bagagem de conhecimento sobre o assunto, sendo esses os sujeitos desse estudo cujos mesmos totalizam três (03) e assim, foram escolhidos por trazerem todas as características necessárias para a

realização dessa pesquisa, dentro da temática abordada.

Os critérios de inclusão dos sujeitos da pesquisa foram: serem produtores de arroz da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes-PI e serem produtores de arroz que estejam em pleno exercício da profissão.

Todos os sujeitos tiveram a liberdade de escolha entre participar da pesquisa ou não, refletindo assim a seriedade destinada a esse estudo, como também o comprometimento de segurança destinado a realização desse trabalho monográfico. Dessa forma, os próprios produtores de arroz entrevistados concordaram em deixar seus próprios nomes à mostra, sendo eles: Pedro Vicente e Francisco Chagas Araújo.

Para a construção de fonte, por meio da Metodologia da História Oral, ou seja, para realizar a coleta de dados, adotou-se alguns critérios: primeiro buscou-se conhecer o objeto de estudo e conversar informalmente com os agricultores plantadores de arroz; segundo posterior a esta conversa vinculou-se aos materiais lidos na pesquisa bibliográfica; num terceiro momento elaborou-se o questionário para a realização das entrevistas orais.

O questionário abordou os seguintes pontos: A importância da Lagoa Grande para o município de Buriti dos Lopes; Experiência na produção de arroz; O cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes; História do cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes; A importância do arroz para a economia de Buriti dos Lopes; O processo de divisão das terras cultiváveis para a plantação do arroz; Os principais movimentos culturais ocorrem na cidade para comemorar o dia do rizicultor; As principais dificuldades quanto à plantação de arroz e as suas possíveis soluções.

O embasamento teórico deste estudo contempla principalmente os seguintes autores: Burlamaqui (1864), que ressalta sobre o cultivo do arroz e os tipos de terras acessíveis à plantação; Utumi (2008), que aborda sobre a preparação e limpeza do solo para a plantação de arroz; Paul Thompson nos apresenta Metodologia da História Oral e a sua contribuição para o “resgate” da memória local/ regional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização da pesquisa e ressaltando a necessidade de preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem nos modos de fazer. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos.

A estrutura desse estudo monográfico se divide em dois capítulos, sendo que no primeiro capítulo é apresentado algumas características da temática, como as variedades plantadas no local em estudo, o processo da divisão das terras cultiváveis entre os

produtores, os movimentos culturais surgidos naquela época para comemorar o dia do rizicultor, comumente denominado plantador de arroz, conforme relatos de moradores.

Já no segundo capítulo são apresentadas algumas das perspectivas apontadas pelos próprios produtores com relação à produção do arroz, das dificuldades comuns e recorrentes e as possíveis soluções para melhoria. Assim, este trabalho além de cunho acadêmico, traz algumas reflexões sob um olhar mais centrado em solução dos problemas apontados do que permanecer apenas na crítica de fato.

2 A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE ARROZ NA LAGOA GRANDE DE BURITI DOS LOPES - PI

Neste primeiro capítulo é brevemente apresentado o município onde foi realizada a pesquisa, contemplando um pouco do processo histórico inicial de ocupação e em seguida é apresentado a história da produção de arroz no município de Buriti dos Lopes - PI, compreendendo desde a produção do arroz cultivado em roças, quando este ainda não era referência nesta modalidade de produção, até o cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes. Nessa perspectiva, buscou-se evidenciar relação entre a rizicultura e sua influência na sociedade local.

O arroz é considerado uma das culturas mais importantes a serem domesticadas a nível mundial, contando com diferentes variedades sendo a Ásia, a África e a América discutidas como o berço da domesticação. Nesse contexto, pesquisas apontam o cultivo do arroz como uma prática milenar que surgiu por meio de uma variedade selvagem que fazia parte da subsistência desses povos nestas regiões em torno do vale do Rio Yangtsé, na China (MARIN; CARNEY, 1999).

Segundo matéria publicada na revista eletrônica *Super Interessante* (2017), um grupo de cientistas chineses chegou à conclusão de que o arroz já fazia parte da alimentação de seu povo já no começo do período Holoceno (9.400 anos). Da Ásia, foi disseminada a cultura do arroz na Índia, Pérsia, atual Irã, passando pelo Arquipélago Malaio, alcançando a Indonésia por volta de 1.500 a.C., porém, faz-se necessário enfatizar a descoberta, durante o século XX, de que a domesticação do arroz ocorreu no oeste da África, independentemente da Ásia (MARIN; CARNEY, 1999).

De acordo com a Associação de Arrozeiros de Alegrete - AAA, esta cultura teria sido introduzida no Japão pelos chineses por volta do ano 100 a.C., e chegou ao Mediterrâneo através do Delta do Nilo pelos árabes. No Brasil, seu desenvolvimento teria ocorrido de forma espontânea, embora o país tenha sido o primeiro a cultivar este cereal no continente americano, assim, o cultivo teve ainda caráter de importância econômica, social e política durante o período colonial e servia de base de subsistência dos colonizadores e escravos. Foi neste caso, um importante produto em algumas capitanias, províncias e Estados desde o período colonial. Sua incisiva introdução no Rio Grande do Sul, no final do século XVIII, fez com que a cultura se expandisse no país. A partir do início do século XX, o Estado de São Paulo passou a ser o maior produtor de arroz do país, sendo associado à lavoura cafeeira e à formação de pastagens. No início da década de 1910, as cultivares plantadas em São Paulo eram Agulha, Amarelão, Carioquinha Branco, Dourado, Iguapé e Japão (FERREIRA, 2005).

Sobre a importância do arroz na alimentação de indivíduos do mundo inteiro, nota-se que é considerado o alimento mais importante da metade da população mundial. Nesse contexto, é observado que só na Ásia cerca de 60 a 70% de mais de 2 bilhões de

pessoas o tem como essencial como consumo calórico, conforme (FAO, 2004). Já em relação à produção mundial desse cereal, nota-se que mais 475 milhões de toneladas são produzidas todos os anos, sendo que dessas 8,3 milhões fazem parte do cultivo brasileiro (USDA/FAS, 2015).

2.1 A cidade de Buriti dos Lopes – PI

Buriti dos Lopes está localizado a cerca de 300 km de Teresina, capital do Estado do Piauí. A cidade possui um cenário rico em belezas naturais e históricas, sendo fundada pelo português Francisco Lopes, seu primeiro habitante, que se estabeleceu às margens do Riacho Buriti. O nome desta cidade é uma referência à grande quantidade de buritizais existente naquela época e complementada com o sobrenome do seu fundador *Lopes* (PORTAL BURITIENSE, 2010).

Segundo Aguiar (2004), o município de Buriti dos Lopes está localizado na microrregião do Litoral Piauiense, localidade essa que compreendendo uma área considerada irregular de 524,22 km². Os limites do município são: ao norte com os municípios de Parnaíba e o estado do Maranhão, ao sul com Caxingó e Murici dos Portelas, a leste com Parnaíba, Bom Princípio do Piauí e Caxingó, e a oeste com Murici dos Portelas e o Estado Maranhão.

Importante mencionar seus recursos hídricos da cidade de Buriti dos Lopes-PI como os Rios Parnaíba, Longá e Pirangi e ainda por uma sequência de lagoas, nas quais se destacam a Lago Grande do Buriti, Lagoa dos Porcos, Lagoa do Salgado e Lagoa da Iracema, sendo a primeira, nosso objeto de estudo. Segundo pesquisas realizadas pela Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí – CEPRO (2001).

Buriti dos Lopes-PI tem a sua economia baseada na agricultura, mais precisamente, a cultura do arroz e da pesca em sua Lagoa Grande, a segunda maior do Piauí. Entre os anos finais dos séculos XIX e início do século XX, Buriti dos Lopes-PI foi um distrito criado pela resolução n° 533, de 13 de maio de 1864, subordinado ao município vizinho, Parnaíba. No dia 02 de agosto de 1890 foi elevado à categoria de vila, pela resolução n°15, com desmembramento da cidade de Parnaíba. Faz-se à transição do nome original para Baixo Longá, em 27 de junho de 1897. Quatorze anos mais tarde, já no século XX, portanto, volta a se chamar Buriti dos Lopes, permanecendo assim até os dias atuais.

O município possui uma população estimada de 19.464 pessoas de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 2017. Dito isto, são quase trezentos anos de história que marcam a formação deste município ainda pouco estudado, mas que seus poucos documentos da época e os vestígios dos seus primeiros

habitantes ainda permanecem visíveis nos dias atuais. Como importantes objetos de prova concreta do povoamento nesta região, os relatos repassados das gerações anteriores, por meio da oralidade, conferem costumes e tradições, ou seja, a formação de uma cultura (IBGE, 2017).

2.2 Histórias da produção do arroz na Lagoa Grande e a festa do arroz

Sobre o cultivo do arroz e em relação aos tipos de terras acessíveis à plantação deste cereal, Burlamaquiressalta que:

Os melhores terrenos para a cultura do arroz sativo ou huraido, são: em 1º lugar, os terrenos alagados das margens dos rios perto de suas embocaduras com o mais, sobretudo nos logares onde a maré represa as águas dos rios e produz inundações; 2º, as margens dos rios inundados durante as enchentes; 3º, os terrenos encharcados. Nos outros terrenos não naturalmente úmidos é necessário arranjar as cousas de modo a ter sempre a água necessária para inundar os arrozais; para isso preferem-se as planícies junto às montanhas, e procura-se por meio de diques e parapeitos reunir as águas que vem de suas vertentes. Estes diques têm comportas ou adufas de distância em distância, a fim de soltar a água quando se quer inundar o arrozal (BURLAMAQUI, 1864, p.6-7).

Nesse sentido, conforme relato de Maria da Conceição (2017), moradora das proximidades da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes, antes do cultivo do arroz ser desenvolvido na própria Lagoa Grande, esta prática se fazia acontecer nas roças, que por sua vez, ocorria em pequena escala, cultivadas pela população residente nas áreas rurais, ou aos arredores do município de Buriti dos Lopes-PI. Sendo assim, plantava-se nessas roças: milho, feijão e mandioca da qual se fazia a farinha, sendo utilizados como produtos de subsistência. Neste período, entre as décadas de 1940 e 1950, ainda não se fazia o plantio na lagoa, pois havia nas praias apenas a vegetação nativa daquela região, como no caso do *jiquirí* e uma planta de denominação *sensitiva-grande* ou *calumbi*(*Mimosa pigra*), que impossibilitava a princípio o seu plantio.

Assim, quando se pede a Dona Maria da conceição que se narre como e onde era realizada a plantação de arroz estamos de acordo com Alessandro Portelli, os interlocutores, quando narram suas histórias de vida, têm um conhecimento que estamos “tentando aprender” (PORTELLI, 1997, p. 25). E foi assim, “tentando aprender” que fizemos uso da Metodologia da História Oral que busca conhecer a história por meio das narrativas orais e da memória.

Desta forma, entende-se por de Lucília Neves Delgado que a Metodologia da História Oral é um “procedimento, um meio e um caminho para a produção do conhecimento histórico” (DELGADO, 2003, p. 47). E ainda segundo a autora o depoimento tem um duplo ensinamento, encerra: o tempo passado, enfocado pelo

sujeito pesquisado, e o tempo presente, em que o conhecimento gerado pela entrevista é produzido.

Utuminos (2008), fala sobre a preparação e limpeza do solo para a plantação de arroz:

O desmate, a queima e a conversão ou recuperação de pastagens degradadas para preparar a área devem respeitar a legislação vigente, com autorização, e seguindo a recomendação dos órgãos ambientais, sob risco de comprometimento e inviabilização legal da área. As operações de limpeza devem ser efetuadas no final do período chuvoso, pois nessa época há menor resistência ao arranquio da vegetação e ao aprofundamento dos discos de grades e niveladoras utilizadas; se houver calagem também a incorporação é mais uniforme. O tipo de preparo depende do nível de tecnologia empregado. Para média tecnologia o preparo é mecanizado e para baixa tecnologia, é manual ou semi mecanizado. A cobertura vegetal presente, pastagem degradada, capoeira ou mata, também influencia o preparo das áreas. Então: Em áreas de capoeira fina e pastagem degradada – são necessárias as seguintes práticas: limpeza da área com a retirada da cobertura vegetal, enleiramento, queima do material enleirado e desemleiramento(UTUMI, 2008, p.13).

Nesse sentido, segundo João Batista do Nascimento (2018), lavrador aposentado que trabalhou por muitos anos na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes como plantador de arroz, o processo para se produzir arroz consistia primeiramente em fazer canteiros em terra firme, nos quais se plantavam as sementes para quando atingir um tamanho médio em torno de vinte a trinta centímetros, realizar o transplantio na lagoa. No entanto, era preciso fazer a retirada daquela vegetação típica das encostas da Lagoa Grande, dessa forma o produtor preparava uma pequena área, de onde o mesmo ainda tinha que fazer um sistema de proteção, uma espécie de cercado, para que animais como gado, não viessem a invadir as plantações.

Sobre a variedade de arroz existente, Weber (2012) ressalta que:

Existem, no mundo, milhares de variedades de arroz, com diferentes características e sabores, mas todas elas derivam de três subespécies básicas: a índica, a japônica e a javanica. A subespécie índica é originária da Índia com grão longo e fino. É cultivada em regiões de clima quente e suas variedades mais comuns são o Basmati e o Patna, sendo os mesmos muito consumidos no oriente, mas precisamente utilizados na cozinha Tailandesa e Indiana. A subespécie Japônica é originária da China com grão curto e arredondado. É cultivada em regiões de clima frio e possui a característica de se aglutinar devido ao seu alto nível de amido, também muito apreciado no oriente mais precisamente Japão, China e Coreia (WEBER, 2012, p. 14-15).

Conforme o morador Francisco Carvalho Nunes, mais conhecido como Neném Calixto (2018), se deu o cultivo nesta lagoa, em agosto de 1966, com uma iniciativa de

José Feitosa do Nascimento com diversas variedades, tais como CIC-4, r-8, chatão, agulhinha e *xôro* eram ali cultivadas, sendo esta última variedade mais plantada no início, trazendo bons resultados na produção final. Antes de se iniciar o cultivo do arroz, nesta Lagoa plantava-se algodão o qual também era exportado para outras regiões do país, mais precisamente o Sul e inclusive para a Europa, para a produção de tecidos. Nos dias atuais, também nas áreas mais altas desta mesma Lagoa alguns pequenos produtores fazem o plantio de milho, feijão e melancia quando começa a baixar seu volume das águas recebidas dos rios Longá e Parnaíba, ou seja, no período das cheias ocorridas entre os meses de dezembro até fim do mês de maio.

Aos poucos, a cultura do cultivo do arroz ganha uma proporção maior, ocorrendo uma marcha de pessoas vindas de regiões vizinhas como povoado Salgadinho, da cidade de Cocal e de outros Estados vizinhos, como Ceará e Maranhão, se instalando nas proximidades da lagoa Grande para nela trabalharem. Alguns produtores preocupados em manter um sistema mais organizado de produção criaram a Associação de Desenvolvimento Comunitário dos Produtores da Lagoa do Buriti – ADECPROLAB, em 15 de Junho de 1985. Uma vez iniciada, tornava-se um meio de manter garantida a permanência dos plantadores no local.

Toda a extensão cultivável fora dividida em doze regiões: Ininga, Pontal da Raposa, Norte da Raposa, Riacho D'areia, Canto do Cajueiro, Galinhas, Ilha das Malvinas, Valentão, Ilha do Marrasco, Ilha do Pontal, Ilha do Sabão e Pedra Hume. Grupos de trabalhadores eram alocados, e logo em seguida era feita a distribuição de um pedaço de terra nestas áreas para que os trabalhadores pudessem ser facilmente identificados em seu setor quando necessário. Com uma área cultivada de 915 hectares pertencente ao Estado, esta lagoa alcançou sua maior safra nos anos de 1987 e 1988, respectivamente, contando com doze motores, sendo destes dois motores elétricos e os demais a diesel, distribuídos nos seus doze setores, tornando esta área com irrigação adequada ao plantio, favorecendo o desenvolvimento das espécies cultivadas e resultados satisfatórios nas colheitas como fora relatado pelo morador buritiense, Francisco Carvalho Nunes, o Sr. Nemném Calixto (2018).

O X Congresso Brasileiro de Arroz Irrigado fala sobre a importância do mercado de arroz:

Hoje, o cenário do mercado de arroz interno e externo encontra-se em situações opostas. No mercado mundial, apesar do restabelecimento da produção mundial após um ano de El Niño, a expansão está aquém do inicialmente estimado. Somado a isso, o aumento da demanda reflete em viés de alta nos preços. No Brasil, a recuperação da produção, em conjunto com a concentração da oferta, problemas na estrutura de financiamento e a volatilidade cambial, resulta em desvalorização nos preços locais na comparação com a safra anterior. Ressalta-se, todavia, que, em meio a entrada da entressafra e a recente desvalorização da moeda nacional, espera-se um aquecimento das

cotações nas principais praças produtoras (X CONGRESSO DE ARROZ BRASILEIRO, 2017, p.1).

Nesse sentido, o mercado do arroz parecia favorável entre nos anos de 1987 e 1988, sendo garantido pela boa safra, o que notadamente é perceptível considerar que o volume de exportação do produto para os estados vizinhos fazia crescer sua economia e ao mesmo tempo o número de pessoas da pacata cidade de Buriti dos Lopes aumentava, pois estas viriam para a região em busca de oportunidades de trabalho e aqui viam a possibilidade de mudar de vida, garantindo o seu sustento e da sua família, conforme palavras de Francisco Carvalho Nunes (2018).

Como forma de valorizar o trabalho do produtor rural do campo, o rizicultor, fora criado um dia para comemorar esta profissão, chamada de Festa do Arroz. Concebido então, o 1º de Maio de 1960, como data festiva nesta cidade com celebração de missa, passeata pelas ruas da cidade e encerramento com festa no extinto Fumacê Club, que se tornara um dos *points* de encontro daquela geração.

De acordo com os ensinamentos de Norberto Luís Guarinelo: “A festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto material como comunicativo ou principalmente significativo” (GUARINELO, 1972, p.78). A festa em homenagem ao arroz passou a ocorrer anualmente, significando um espaço, também, de produção de identidade.

A Festa do Arroz organizado pelos representantes da Associação dos Plantadores de Arroz de Buriti dos Lopes, além de ser um dia especial para os trabalhadores, significou também, por outro lado, um rompimento do tradicional com o popular, visto que na mesma época havia também a Festa do Arroz em outro local: o Pirangi Clube. Neste, os bailes eram freqüentados por pessoas com maior poder aquisitivo e sócios membros do Clube, sendo que os trajes eram de gala, segundo Neném Calixto.

A história nos mostra que em todos os tempos ou período, conforme a história foi organizada para facilitar seu ensino na educação básica, as festas sempre permearam o cotidiano do povo, vários eram e são os motivos para se comemorar, sejam datas cívicas, temas religiosos ou sucesso da colheita de produtos agrícolas.

Fazer festa significa colocar-se diante do espelho, procurando a si mesmo e a sua identidade: é buscar reencontrar as garantias histórico-culturais, reafirmando na força da representação, no ato comunicativo e comunitário. Esta ação de resguardar a própria identidade é fundamental para encontrar-se a si mesmo. (FERREIRA, 2006, p.64).

Neste sentido, a Lagoa Grande de Buriti dos Lopes mantém uma relação que

vai além do aspecto econômico, os aspectos sociais e culturais de sua população atravessando gerações ao mesmo tempo em que contribui para a formação da identidade desta população.

Percebe-se que a festa passou a ser uma tradição no cotidiano da cidade de Buriti dos Lopes, e ainda hoje é praticada na mesma data, porque faz parte do costume do povo desta cidade, pois como afirma Eric Hobsbawm tradição inventada é:

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. 'Tradição inventada' é utilizada num sentido amplo nunca indefinido. Inclui tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo, às vezes coisas de poucos anos apenas e se estabeleceram com enorme rapidez (HOBSBAWM, 2012, p.8-9).

Entende-se, por meio da leitura de Stuart Hall e de Hobsbawm, que tradição e memória interagem, construindo lembranças que sempre se transformam, criando identidades, e, a partir delas, homens e mulheres se constroem. Dessa maneira, compreendemos que a festa do arroz é parte fundamental para a história da cidade de Buriti dos Lopes, e procuramos apreender o significado da realização dessa festa ao longo do tempo, sem escamotear suas diferenças e conflitos.

Fundamentado nas palavras de Hobsbawm pode-se relacionar a festa do arroz com a tradição inventada, porque são acontecimentos criados e que procuram expressar-se, juntar-se, comunicar-se em acontecimentos festivos em que os personagens misturam-se e assim ajudam a compor as identidades coletivas de um determinado lugar.

De acordo com Vannucchi tudo o que foi inventado passa a ser cultura. O autor entende “a cultura como tudo o que não é natureza. Por sua vez é toda ação humana na natureza e com a natureza” (VANNUCCHI, 1999, p.23).

De acordo com Hobsbawm, “inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto da ofertas” (HOBSBAWM,2012, p. 12), o processo de invenção da festa do arroz coincidiu com os momentos decisivos e incisivos do avanço da produção, tanto na primeira etapa quando a produção era manual e por meio de técnicas transmitidas através da tradição

oral de geração para geração e quanto com a mecanização da produção de arroz, pois ainda hoje se realiza a festa do arroz e da escolha da miss arroz.

A festa do arroz, como uma tradição, não tem apenas a função social identitária, mas, segundo Hobsbawm as tradições inventadas, também, “têm funções políticas e sociais importantes” (HOBBSBAWM, 2012, p. 384), pois legitimam práticas (novo modelo de plantio: técnicas e industrialização do plantio de arroz) que são aceitas socialmente a partir da difusão de um imaginário construído simbolicamente através das festas e do apoio midiáticos que elas desfrutam.

Compreende-se a festa, com auxílio do filósofo e sociólogo Henri Lefebvre (1991a, 2008c), como fenômeno espacial, ou seja, como um elemento que tem no campo a sua gênese, mas que faz da cidade seu ambiente privilegiado. Ela é agregadora e regeneradora

Em relação ao sentido agregador, pode-se concebê-la como lugar e tempo de sociabilidade; Assim, para Jacques Le Goff a festa “é a sociabilidade, o prazer de estar com o outro,” (LE GOFF, 1988, p. 124).

Para finalizar o entendimento sobre a festa concordamos com Émile Durkheim (2003), no qual descreve a festa como um estado de “efervescência social” e permite a compreendê-la como fenômeno coletivo e massivo que reuniu os produtores de arroz da cidade de Buriti dos Lopes para celebrar a colheita do arroz.

3 PERSPECTIVAS APONTADAS PELOS PRODUTORES DE ARROZ DA LAGOA GRANDE DE BURITI DOS LOPES-PI

Este capítulo traz uma abordagem sobre as perspectivas apontadas pelos agricultores da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes-PI. Dessa maneira, os dados foram coletados mediante a realização de um questionário com perguntas abertas realizado com dois (03) sujeitos que possuem experiência no cultivo de arroz, como também conhecem a história dessa produção na cidade em estudo, sendo esses o senhor Pedro Vivente da Silva e João Batista e o senhor Francisco Chagas Araujo.

Ao longo deste capítulo abordou: a relevância da Lagoa Grande tanto como espaço destinado a plantação de arroz quanto como lugar de memória e história; A experiência no modo de fazer: plantar, tirar pragas e colher o arroz, além do aprendizado da prática tradicional do plantio do arroz; O período temporal, certo, para iniciar a plantação; A relevância econômica e social do arroz para os rizicultores e a cidade de Buriti dos Lopes; E a necessidade do uso de técnicas e tecnologias na produção do arroz devido às mudanças climáticas sofridas, no decorrer do recorte temporal adota pela pesquisa.

3.1 A importância da Lagoa Grande para o município de Buriti dos Lopes – PI.

A Lagoa Grande de Buriti dos Lopes-PI traz uma grande importância para a vida da população que vive aos arredores, bem como para toda cidade. Nesse sentido foi questionado aos entrevistados sobre a visão dele acerca da importância da Lagoa Grande e Pedro Vicente da Silva, João Batista e Francisco das chagas Araújo nos relataram:

A importância da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes para o município é porque ela dá o que comer a muitas pessoas tanto do município como de fora. Porque tem muito arroz que sai pro Ceará, como para outros estados. Então é uma importância muito grande. É uma fonte de renda muito boa pra quem trabalha na agricultura, como eu, certo? Isso daí incentiva muito. É muito importante pra todos nós. (SILVA, 2018)

É a lavoura que dá muito arroz. A produção é boa e é a que dá no

verão, pois a maior é a safra da Lagoa. Dá muito arroz. (BATISTA, 2018)

É uma produção de arroz e muitos companheiros que trabalham lá. Para que? Ali vem o sustento da família, vem... você colhe um arroz vende uma parte faz um serviço numa casa, então a importância da lagoa, do arroz é esse, né, é o bem da família. (ARAUJO, 2018)

Portanto, mediante as respostas dadas pelos entrevistados, a importância da Lagoa Grande para a cidade de Buriti dos Lopes é percebida porque traz o alimento (arroz) para muitas famílias da localidade, bem como é exportado para outros estados, como percebido na fala do senhor Pedro Vicente.

Outro fator enfatizado sobre essa importância é descrito por João Batista, quando ressalta sobre a grande quantidade de arroz que a Lagoa produz, como observado em sua fala: “É lavoura que dá muito arroz”. Assim, nota-se a importância econômica, como também para os moradores da cidade em estudo.

E ainda, segundo o depoimento de Francisco Chagas Araujo, a importância desta lagoa é evidenciada nas falas dele com relação ao aspecto econômico ou meio de vida ao nos relatar que após a colheita, o plantador de arroz pode vender certa quantidade de sua produção e fazer uso do dinheiro aplicando em reformas da sua casa, por exemplo, e sem deixar de mencionar que ela, a Lagoa, é importante “para o bem da família”.

Quando escutamos pessoas simples, agricultores, com seu jeito simples e sincero de se expressar estamos, na perspectiva de Thompson(1998), dando voz a múltiplos e diferentes narradores. Esse tipo de projeto propicia sobretudo fazer da história uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite construir a história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram, mediante suas referências e, também, seu imaginário. O método da história oral possibilita o registro das memórias individuais. Enfim, a reinterpretção do passado, pois, segundo Walter Benjamin (1994c), qualquer um de nós é uma personagem histórica.

Segundo Portelli (1997), a história oral permite destacar o pluralismo resultante dessa prática, que trata das visões particulares da verdade, permitindo a construção do conhecimento por várias abordagens, indicando que o depoimento é dado a partir do filtro da memória de cada entrevistado e de sua subjetividade, as quais o levam a escolher o que quer relatar ou não.

Pode-se destacar que os modos de plantar e colher, onde e como plantar e a relevância da Lagoa Grande para cultura do arroz são elementos vinculativos de história, memória e identidade, mas também de produção e circulação de valores. O Arroz produzido na Lagoa Grande e noutras áreas alagadas e ou irrigadas proporcionou o desenvolvimento da cidade de Buriti dos Lopes.

Segundo a Fundação CEPRO (2018) a grande quantidade de água no município faz com que se destaque como uma das cidades que mais produz arroz no nosso Estado. Além da Lagoa Grande pode-se destacar: a Riacho D'réia, O Brejo Buritis, o Rio Longá, Rio Pirangi.

3.2 Experiências na produção de arroz.

A experiência na produção de qualquer tipo de produto traz qualidades e histórias para quem participa do processo durante vários anos. Nesse sentido, foi questionado aos entrevistados sobre há quantos anos eles produzem arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes-PI. Assim, na transcrição, os mesmos responderam que:

- Pedro Vicente : Eu há muitos anos, quando cheguei aqui em Buriti dos Lopes tinha cinco anos de idade e hoje eu tenho cinquenta e sete. Meus primeiros professores de plantação de arroz foi o Sr. Chico Escórcio e outros. Essas pessoas Deus já levou, porque não estão mais conosco. Quando cheguei com cinco anos eles já eram agricultores. Era o seu Chico Escórcio, seu Antonio macaxeira, o João Chico Ana, era meu pai, Bernardo “véi”, pai do “Porúm” e o Tiobáú, lá da Avenida. Então eram muitas pessoas que trabalhavam conosco lá nos terrenos do seu Venceslau de Sampaio, ali em frente ao Porto do Barro. Então, de lá pra cá, eu sempre trabalhei com arroz e sempre gosto de trabalhar porque é aonde eu colho o pão de cada dia pra mim e minha família. (SILVA, 2018)

- João Batista : Ah, não estou bem certo. Quando comecei a trabalhar ainda não tinha casado com a mãe dos meus meninos, mais ou menos aos quinze anos trabalhei lá, uns quinze a vinte anos. (BATISTA, 2018)

- Francisco das Chagas : Rapaz, na Lagoa eu comecei a trabalhar nela desde 90, eu trabalho com arroz lá na Lagoa, em 1990, né. (ARAUJO, 2018)

Pode-se perceber pelos relatos que os entrevistados possuem uma longa trajetória no cultivo do arroz, o que lhes trazem experiência quanto à forma de plantar e cultivar, ou seja, modos de fazer.

A fala do senhor Pedro Vicente da Silva remonta a uma das primeiras famílias há habitar Buriti dos Lopes e que segundo entrevistada dada pelo Historiador Gildásio a TV clube e registrada no portal G1 (2018) afirma que a família Escórcio chegou à região por volta de 1711.

Percebe-se na fala do senhor Pedro Vicente da Silva modo de plantar e colher, passado de geração em geração o que nos remete a “maneiras ou modos de fazer” atribuída às tradições dos antepassados. Este aparece como elemento que fortalece o sentimento de pertencimento a uma comunidade, cultura ou tradição, que permite realizar o elo entre passado e presente.

No caso narrado pelo senhor Pedro Vicente da Silva pode-se insistir numa identidade singular que não abre espaço para a multiplicidade de outras “maneiras ou modos de fazer” que compõem a cidade contemporânea. E isso nos conduz a afirmar de acordo com as reflexões de Stuart Hall, “construídas no interior do jogo do poder e da exclusão” (HALL, 2000, p. 110-111).

Aos poucos, percebe-se que começa fazer efeito de sentido o porquê da resistência dos rizicultores para a produção mecanizada e irrigada pelo de que os mesmos valorizam a importância da preservação de suas práticas culturais relacionadas a modos de plantar e colher ensinada e transmitida por gerações anteriores a sua.

Entende-se, de acordo com Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, como patrimônio cultural imaterial à riqueza construída e transmitida, de geração para geração, como o legado que influencia a identidade dos indivíduos e grupos sociais.

A Constituição Brasileira de 1988, segundo Marco Antonio Vila (2011) consolidou, de maneira significativa, uma abordagem democrática de questões relacionadas aos direitos culturais, à conservação do meio ambiente e à proteção da biodiversidade. Da perspectiva do patrimônio cultural, ela foi inovadora em diversos sentidos.

Primeiro, consagrou a idéia de que nação é uma realidade plural, internamente diversificada e socialmente heterogênea. Segundo, incluiu no domínio do patrimônio tantos bens culturais materiais como imateriais. Terceiro, destacou não apenas a qualidade excepcional, histórica, estética e etnográfica do patrimônio, mas também os significados a ele atribuídos pelos diversos grupos que constituem a comunidade nacional, reconhecendo a relação desse campo com questões efetivamente cadentes, como a construção da identidade, da ação da memória desses grupos, (ARANTES, 2008, p.184).

Nesse sentido, a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, dispôs que o patrimônio cultural brasileiro se constitui de bens materiais e imateriais relativos à identidade e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Essa iniciativa foi fundamental para a aprovação, em 2000, de uma lei nacional de registro de bens de natureza intangível.

Surge então o Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, que instituiu o “Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que irão compor o Patrimônio Cultural Brasileiro. O mesmo decreto instituiu o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial” (PELEGRINI, 2008, p. 47), visando à implantação da política específica de Inventários, como referência e valorização desse patrimônio.

O IPHAN promove e incentiva a importância de se resguardar saberes e fazeres como patrimônio de um povo e de uma cidade. Diante do reduzido número de servidores no Estado do Piauí e enquanto não são requeridas como patrimônio cultural imaterial cabe aos historiadores da cidade criar meios de salvaguardar as histórias e memória dos “modos de fazer” narradas pelos plantadores de arroz de Buriti dos Lopes

Além do mais, nota-se que os mesmos entendem um pouco da história do cultivo de arroz na cidade de Buriti dos Lopes-PI, pois possuem vários anos no mesmo trabalho, com objetivo de conseguirem o sustento para suas famílias.

Segundo Burlamaqui (1864) o plantio do arroz exige certo cuidado, atenção, emprego de técnicas de extração das pragas, das ervas e colheita. E as técnicas e métodos variam de país para país e de região para região.

3.3 O cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes – PI.

De acordo com o tipo de terra, locais onde são produzidos os alimentos ou mesmo baseado em outras características, o cultivo do arroz possui as suas técnicas e formas para ser bem desenvolvido o processo de plantação, cultivo e colhimento. Neste ínterim, foi indagado aos entrevistados sobre como ocorre o cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes-PI. Nesse sentido, os mesmos deram as seguintes respostas:

- Pedro Vicente: O cultivo do arroz começa, vamos supor, que o pessoal antigo, mais velho do que eu, eles chamavam “em fins d’água, né? Que são seis meses de plantação de arroz e seis meses sem plantar.

Então eles começavam ‘o que’, em junho, né? Começavam em junho. Junho já é fim d’água. Começava a encanteirar arroz. Hoje não tem mais isso de encanteirar arroz, é muito difícil. Hoje você só deixa as terras ir secando e você vai semeando, hoje você joga um tanto, amanhã joga outro. Então até chegar no limite que você quer plantar, então, enquanto dá pra você jogar, você vai jogar. Facilita sua vida e de muitas pessoas porque o dinheiro está muito difícil pra pagar, né? Então, quando a gente para de jogar, a gente vai plantar no pé, aí já está atrasando mais um pouquinho, né? Mas enquanto a gente pode fazer sozinho, melhor e meio. (SILVA, 2018)

Primeiro a gente encantera¹, aí depois que encantera leva pra dentro da água, aduba ele. Ai quando está grande já com dois palmos de altura é que a gente vai plantar mesmo direto lá dentro da água. Aí quando está seco tem que aguardar. Depois compra o adubo e bota. Só vai com adubo. Se não for... não dar certo. (BATISTA, 2018)

Então, tem os sócios e cada um tem a sua vazante. São 30 metros de frente com 500 metros de fundo. Tem o primeiro lote e tem até o segundo lote. Então nem todos os anos a gente planta pra colher tudo, né. Você planta uma parte quando “dá fé” a Lagoa vem e come como esse ano. Esse ano foi um dos anos que teve muita gente que perdeu arroz porque ela veio e inundou em Novembro logo. No comecinho de outubro começou a encher aí pronto. Teve gente que plantou lá no baixo dela e perdeu. Então quer dizer que aí já é um prejuízo pro produtor que tá lá cultivando as terras, né. (ARAUJO, 2018)

Através das falas dos entrevistados, percebe-se que estes possuem entendimento sobre o cultivo de arroz, mesmo que de forma “leiga”, ou seja, sem uma formação para desempenhar tal papel. Porém, conhecem o período certo de preparar a terra, cultivar e produzir o arroz. Assim, entende-se que cada tipo de solo, estação e peculiaridades do local onde é produzido deve ser levado em consideração na hora do cultivo do arroz.

A experiência dos agricultores entrevistados corrobora com o que Burlamaqui (1864) ressalta, sobre primeiramente procurar um lugar adequado para a plantação do arroz, e, logo em seguida, preparar a terra para receber a semente, para que de fato a produção venha surtir efeitos satisfatórios de forma a não prejudicar a produção. Portanto, as respostas dos entrevistados corroboram com a idéia do autor sobre o cultivo do arroz.

3.4 Histórias do cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes – PI.

¹ O significado de encantera se assemelha a escolha da semente do arroz que vai ser plantada, analisando se a mesma está livre de pragas e em perfeito estado para o plantio.

A história do cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes é importante para a cidade, pois traz muito da cultura local, como também contribui para a formação da identidade da mesma. Nesse sentido, foi perguntado aos entrevistados se eles conheciam um pouco da história do cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes-PI. Dessa forma, os mesmos responderam que:

- Pedro Vicente: Conheço. Porque o cultivo do arroz é o seguinte, é a parte da colheita, né? A parte da colheita é o seguinte: de primeiro, a gente cortava ele com facão pra bater no pau... na pedra. Hoje não tem mais isso graças a Deus. Melhorou as coisas pra nós cem por cento. Tem a colheitadeira, né. Outros chamam colheitadeira, eu chamo colhedeira. Mas tudo sai a mesma coisa, né.

- João Batista: Você já chega tem uma área de quatro... cinco hectares, você só se preocupa com os sacos e a lona e duas ou três pessoas pra ensacar. Olha o que aconteceu, uma facilidade muito grande pra nós, né. Porque uma coisa que você ia fazer, gastar mil e quinhentos, se você tivesse pra cortar, empilhar, ensacar e trazer pra casa, você gasta o que... Gasta cinquenta reais, né. Porque três homens ensacam um arroz muito ligeiro, né. Então, isso tudo já facilita o cultivo do arroz.

E o plantio, como era antigamente?

- Francisco das Chagas: No plantio, é quase o que eu já falei há pouco. No plantio a gente faz... de primeiro a gente não jogava, a gente encantava, aí depois quando ele estava no ponto de arrancar, você adubava, chamava adubar, tirava do canteiro quando estava pequeno aí botava lá num lugar melhor. Adubava, quando ele estava já grande, que você pudesse arrancar, arrancava, fazia os fechos e ia plantar numa água mais funda. Isso era um trabalho difícil, certo? Às vezes muitos deles, como nós não plantava nem tudo porque a terra, época a lagoa secava, época a lagoa não secava e aí aquele arroz ia ficando velho, cacheava no canteiro, aí você aproveitava pela metade. (SILVA, 2018)

- João Batista: Conheço. Só a produção que a lagoa dá, é uma produção muito grande. Quando começou precisava a gente fazer cerca de varão pra poder encanteirar o arroz. Nesse tempo era só jiquiri. O meio da lagoa, plantava lá no meio, mas ela quase não secava. Plantava só nas beiradas. Aí depois de uns tempos foi que seu Bezin Val tomou de conta. Meteu os tratores, limpou tudo, fez malastras², aí todo mundo ficou trabalhando, pagando a metade. As barragens que foram feitas nunca serviram. Quando a enchente vinha quebrava toda barragem, arreventava tudo, tomava arroz de todo mundo. Cansamos de tomar prejuízo no arroz, pois a lagoa cobria tudinho. (BATISTA, 2018)

- Francisco das Chagas: Eu tenho conhecimento assim, desde esses

² São as divisões do terreno para facilitar a irrigação ou acúmulo da água necessária para o desenvolvimento do arroz e plantio, pois os terrenos muitas vezes são irregulares.

anos que eu comecei a trabalhar. É muitos sócios que plantam né. Uns tira mais outros tira menos, ano dá bom, ano não dá, é assim. A lagoa é desse jeito. Você não pode confiar na Lagoa, assim, por muito... não... Ta seguro. Porque quando chega o mês de Outubro pra Novembro aí vem aquelas enchentes, aí o que acontece, as vezes come e não tira nem a metade do prejuízo, né. [...] Rapaz a gente começou ali, tinha área que você tinha que brocar pra plantar na mão, devagar. Ai agora não, você tem que área que você emalastrou com trator, patrol, corta, por todos os anos tem que gradear as terras. (ARAUJO, 2018)

Verificou-se por meio das respostas dos entrevistados, essencialmente a forma como era produzido o arroz ao longo dos tempos, destacando o que mudou de antigamente para a atualidade, ou seja, a facilidade encontrada como observado no trecho da fala de Pedro Vicente quando diz que: “Você já chega tem uma área de quatro... cinco hectares, você só se preocupa com os sacos e a lona e duas ou três pessoas pra ensacar. Olha o que aconteceu, uma facilidade muito grande pra nós, né.” (VICENTE, 2018) Como, também, nota-se que a tecnologia contribui para o avanço do cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes, como descrito também por João Batista e Francisco Chagas Araujo.

Um fator a ser considerado como aponta o senhor Francisco Chagas Araujo em seu depoimento, refere-se ao período das cheias que ocorrem nos meses de Outubro e Novembro, causando prejuízos aos plantadores de arroz desta Lagoa.

O conceito de identidade que se tem advém de Stuart Hall em sua segunda concepção do conceito de identidade, “o sujeito sociológico, ou seja, a relação do eu com a sociedade, com o outro, pois, esta concepção traz esta relação de que o sujeito necessita do outro para evoluir” (HALL, 2006, p. 11) e para constituir-se enquanto eu.

De fato em toda cultura, percebe-se esta evolução na identidade de seu povo. Neste sentido, esta idéia tem relativa aproximação com nosso trabalho de pesquisa uma vez que novas concepções de trabalho, tais como as técnicas e tecnologias, por exemplo, ganham mais espaços dentro do nosso tempo e na atualidade.

3.5 A importância do arroz para a economia de Buriti dos Lopes – PI.

Ao se tratar de economia, percebe-se que no Brasil várias cidades possuem alguns produtos como primordial para o desenvolvimento econômico dessas. Sendo assim, foi questionado aos entrevistados sobre qual a opinião deles sobre a importância

do arroz para a economia de Buriti dos Lopes. Nesse contexto, as respostas adquiridas foram as seguintes:

- Pedro Vicente: A importância para a economia é se ele não saísse pra fora, né? Certo, que não estamos comendo ele muito caro, certo? Mas também porque quem colhe. A economia do arroz aqui no buriti dos Lopes, porque tem muitos proprietários aqui que tem mais terras do que eu, que eles colhem cento e cinquenta, duzentos, trezentos sacos de arroz, ele não vai comer esse todinho. E eu que tenho o arroz não comprar dele. Eu vou comer o meu, tô certo? Aí é o que acontece se ele pegar o arroz dele, mandar pilar, às vezes até manda empacotar pra tirar pra fora. E ai por isso que eu digo: já vai servir pra mim e pra outras pessoas que estão precisando, certo? Ela produz muito, mas também o cara não vai comer trezentos sacos de arroz. Às vezes na família, só são três pessoas, quatro, você está entendendo? E ai o que acontece é que ele tem que vender pra pagar as despesas, ele vai comprar o que precisa, é pra um motor, é pra qualquer coisa ele vai vender o arroz dele pra investir ou pegar pra depositar o dinheiro pra quando for na outra safra, ele já ter pra comprar o que precisa. Pagar o trabalhador, porque esses caras que produzem muito, ele não trabalha. Ele só paga o trabalhador, né? Trabalha muito eu que sou escravo (risos..) não é verdade? Trabalha... Ó, quem não tem dinheiro, é como aquela história: “quem não tem irmão, brinca só”, hum. Mas o cara que tem dinheiro ele não vai, ele só chega la e diz é” assim, assim, assado, assado, cozido é cozido”. Ai ele só vai la conferir, pagar o trabalhador que ele botou, certo?(risos) (SILVA, 2018)

- João Batista: A importância do arroz é que quando chega a safra, tudo baixa o preço. Ai o preço do arroz na safra não tem valor, só tem valor quando passa da safra. Mas a maior safra que teve aqui dentro de Buriti dos Lopes é a lagoa. A que dá maior safra. A lagoa é muito rica. E quando a gente terminava de plantar nosso arroz a gente ia ganhar dinheiro plantando arroz pros outros. A gente tinha que arrancar os arroz que estavam adubado pra plantar lá dentro da água, mesmo pôr a fincar no lugar certo e finalmente quando a lagoa baixava dava muito peixe. Teve um tempo que secou que deu peixe que fazia era se estragar no seco. Secou que deu peixe demais ninguém deu conta. E se não tivesse a lagoa as pessoas iam trabalhar só nas roças mesmo. Essa lagoa é afamada. Lagoa da fartura. [...] sai carradas pra fora, pra vender. (BATISTA, 2018)

- Francisco das Chagas: É porque na época, todo mundo colhe, quando da uma safra boa, você tem alguma coisa para você fazer na sua casa, ai você vende uma parte para fazer e fica uma renda dentro do próprio município, né, movimentando a economia. (ARAUJO, 2018)

Através da linguagem simples e humilde dos agricultores de arroz, entende-se que a importância do arroz para a economia da cidade de Buriti dos Lopes deve-se a grande quantidade de sacos desse cereal produzidos no período das safras na Lagoa

Grande, pois além de contribuir para o próprio sustento dos lavradores, também é utilizado como produto exportador, contribuindo para as finanças da cidade em estudo.

3.6 O processo de divisão das terras cultiváveis para a plantação do arroz.

Um importante fator a ser ressaltado nesse estudo é sobre a divisão das terras cultiváveis para plantação de arroz. Sendo assim, foi questionado aos entrevistados como essa divisão de terras é realizada. Assim, os mesmos deram as seguintes respostas:

- Pedro Vicente: Olha, na época quando eu cheguei aqui há vinte e cinco anos, onde nós estamos hoje, eu tô com vinte e cinco anos que moro aqui, nesse pé de chão, né. Moro vinte e cinco anos assim, porque quando eu adquiri esse terreno, eu só tinha dois filhos, e eu ainda não tinha meu menino mais novo. Meu menino mais novo já tem vinte e seis anos. Mas desde o tempo dos meus dois primeiros filhos, ai eu consegui esse pedaço de chão aqui. Ai eu disse: eu tenho fé em Deus que eu faço uma casa pra mim aqui. Porque eu já estava pensando de plantar arroz aqui mesmo. E essa vazante que eu tenho aqui, eu comprei de outro plantador de arroz, porque ele mudou para o Assentamento Canto da Cruz e me vendeu a terra, aqui na frente é minha vazante aqui, bem aqui ao lado. Eu coloco o feijão no fogo e vou lá. Então, nesse processo ai, quando o presidente era o seu Inhedo. Então eles vieram medir lá o terreno que era do Bernardo Romão, que é o riacho D'areia, loteando de lá para cá. O dono mesmo de minha vazante não era eu, era um cidadão chamado Raimundo Alípio que é genro do seu Ernandes e ele tinha a terra bem ai e não podiam trabalhar nas duas vazantes e me vendeu essa. Então quando eu cheguei ai ele me passou a vazante assim: quinhentos metros de comprimento e trinta metros de frente. Mas aí foi o seguinte: os plantadores de arroz quando eles vieram aí, eles plantavam só aquelas tirinhas, então quando, aí tinha um matagal miserável, todo tipo de moita e essas moitas eles brocaram, tocaram fogo no verão e começaram a aumentar as vazantes. Foi na época que o seu Inhedo era presidente e veio lotear, porque alguém brocava pouco e queria muito, já estava entrando como... a pessoa vai entrar no que é dos outros, né? Mas só que seu Inhedo sempre falava pras pessoas que antes de ele morrer, ele ainda plantou bem aqui, na última vazante aqui que é do Djalma da piladeira. Ele dizia: o terreno é do estado, do Governo, né. É pra você trabalhar. Você não pode vender. Você vende a desistência e se você mandou aradar a terra, fazer um processo pra revirar a terra, pra você trabalhar porque nós, nós temos força nas pernas se nós comemos uma coisa boa, uma comida boa. É como uma terra dessas daí, uma terra dessas daí, se você não mandar beneficiar ela, ela nunca vai ficar uma terra original. Você tem que pegar ela, meter o trator, revirar pra poder afogar. Senão, ela vai virar o que? Um lajeiro. Você entendeu? Vai virar um lajeiro. Então é por isso que às vezes a gente manda aradar pra ficar melhor de você trabalhar e a sua produção ser melhor, ou então piorar de uma vez por todas (risos) (SILVA, 2018)

- João Batista: Ah, tinha que ter um encarregado pra sair repartindo as terras pra cada pessoa. Nós recebíamos as terras, ai depois que foi feito as malastras ai tinha que pagar a metade pro seu Bezin Val. E quando não tinha sido feito malastras a gente pagava de 5/1, ai depois que ele fez os campos, ai todo mundo passou a pagar metade. A gente comprava o adubo, tinha uma despesa todinha e ainda pagava a metade. (BATISTA, 2018)

- Francisco das Chagas: Ele ocorre assim, cada um tem o seu terreno, ai quando da em junho quando a Lagoa começa a vaziar, ai voce vai cultivar. Vai plantando, acompanhando as águas, até quando dá. Quando chega a um certo tempo, aí voce ver que não da para você plantar você larga de mão. Planta até quando dá para colher. Cada um tem seu pedaço de terra com trinta metro de frente com quinhentos de fundo, tem o primeiro lote e tem o segundo. Aí, quando dá para você plantar tudo aí você planta quando não da você planta só o que pode, até quando... a extensão que a água deixa você plantar. Porque ela vai baixando e você vai acompanhando, plantando né. Aí quando chega um certo tempo em Setembro em diante nao adianta você plantar mais. Ela já ta “coisada”. Ai quando de rem Outubro e Novembro se ela der um repiquete, chegar a inundar duma vez, a gente já vai perder tudo. (ARAUJO, 2018)

Conforme as palavras dos entrevistados, percebe-se que a divisão das terras ocorria da seguinte forma: o proprietário as dividia para pessoas que gostariam de trabalhar na mesma, porém em troca era dado um quinto de tudo aquilo que era produzido para o dono das terras. Todavia, os proprietários valorizaram a terra, deixando-as mais preparadas para o cultivo do arroz, e essa valorização e preparação do solo, tornaram o pagamento dado para os donos das terras mais caro, levando-os a darem a metade de tudo àquilo que é produzido para os donos das terras, isto nas propriedades privadas.

Para o cultivo na parte que correspondia ao Estado, quando ocorrera a divisão destas terras aos plantadores de arroz interessados em uma área para cultivar, fora então estabelecido como sistema de arrendamento pelo uso da terra, a divisão de 10/1 ou cota de 10%, ou seja, a cada dez cargas (60kg), ou sacos de arroz produzidos, um pertenceria à associação que já contava com seu regulamento interno, uma vez que sua principal forma de atuação seria no bem comum, por tanto, coletivamente, em favor dos plantadores de arroz nesta Lagoa.

Cabe ressaltar que esta mesma porcentagem para a arrecadação se mantém até os dias de hoje, e parte destina-se ao pagamento da irrigação das lavouras de arroz.

3.7 Os principais movimentos culturais ocorrem na cidade para comemorar o dia do rizicultor.

Como forma de valorização do trabalhador que está ligado diretamente ao cultivo de arroz (rizicultor), algumas cidades cuja produção desse cereal é de suma importância para a economia, faz uma comemoração a esse profissional. Nesse sentido, perguntaram-se aos entrevistados quais seriam os principais movimentos culturais que ocorrem na cidade para comemorar o dia do rizicultor. Assim, as respostas dadas foram às seguintes:

- Pedro Vicente: O evento... Um evento uma vez por ano que é a festa do arroz. Ai o que eles fazem a festa do arroz era pra ser de graça, porque é do plantador do arroz. Mas eles cobram a entrada, tão muito cara que às vezes tem muitos que não vão. Mas “de primeiro”, a entrada, inclusive, as bandas que vinham, era Os Dragões de Piripiri, era os Geniais de Amarante, era outras bandas boas tocava pra gente ouvir. E hoje só vem tranqueira, né? Mas as festas eram boas. Nós plantadores de arroz inclusive eu, um rapazinho novinho, né, na flor da idade. Ai eu ia apanhar aquele arroz chamado “soca”, né. Você apanha a primeira colha, ai ela brolha, e bota aqueles cachinhos e o que nós fazíamos? Muitos rapazes da minha idade, nós íamos cortava a meia palha, batia e ia juntando um saco, dois sacos cheios ai o que nós fazíamos, pra ir pra festa do arroz, já pensando na festa do arroz, né. Não era pra beber não, era pra ir pra festa do arroz, “agarrar” umas meninas bonitas, porque festa com mulher feia o cara não se agarrar com mulher feia, você é doido? Então ai nós vendíamos sabe pra quem o arroz? Pro pai do Zé Eugenio, dono da Construbem, que era o finado Benedito Estácio. Ele, inclusive, ele me ensinou a plantar arroz no porto da telha. Eles já foram pobres, mas hoje em dia eles são ricos, eles já foram pobres também. Seu Benedito Estácio era plantador de arroz no Porto do Barro e ele comprava o nosso arroz. Ele comprava de litro, de dois litros, até de meio litro, mas era baratinho e nos íamos juntando as moedas com quem vai roubando o cofre do Santo, nós íamos juntando as moedas. E quando dava no dia da festa, nos tínhamos dinheiro pra brincar a noite todinha. Às vezes um colega ainda pagava a entrada do outro, inteirava, porque era baratinho naquela época, né.

Mas ai tinha a festa do arroz original e tinha a festa da soca e do bagaço, né. Dizia que era a festa do bagaço, festa da soca e inclusive na época da festa do bagaço, o vice-presidente era o Neném Calixto. Ai a festa do arroz era no Pirangi, e o Neném Calixto fazia a festa da soca e do bagaço no Fumaçê Club que era do seu Elias, mais era gostoso demais. A gente ia pra uma e pra outra (risos) isso era uma maravilha, né. (SILVA, 2018)

- João Batista: Ah, tem a festa do arroz é uma festa bastante animada. Só que agora as festas são mais fracas. Antigamente a festa do arroz começava cedo da noite e ainda ia “até o sol fora”.

Hoje quando dá três horas da madrugada termina. Era uma folia muito grande a festa do arroz, dos lavradores, dos trabalhadores. Antigamente tinha o Fumacê Clube, que faziam festa lá. Ai foi tempo que acabou tudo. Não fazem mais, foi vendido para o Sr. Antonio da ponte. Aí tem o Club Pirangi, sempre fazem festas nele[...] no começo ajuntava os lavradores todinho e chamava a banda pra tocar, mas hoje não. Hoje são os ricos que fazem as festas por conta deles. Antigamente erma os pobres que se reuniam todos e faziam a festa, hoje os donos de arroz não fazem mais festa. (BATISTA, 2018)

- Francisco das Chagas: Eles fazem as festas em Novembro, né. Diz que é dos plantadores de arroz, a festa do arroz. Botam até uma pessoa, uma moça de rainha do arroz na hora da festa, em fim. De primeiro essas festas eram mais lenta. Agora tem umas musicas mais coisadas, elas têm mais gente, eles incentivam mais, tem até mais empresários interessados em vir pra festa, em fim que dizer que uma festa que vai ajudar até a própria população porque arrecada dinheiro e fica dentro da cidade. (ARAUJO, 2018)

Diante das respostas dos entrevistados, verifica-se que houve mudanças nas festas realizadas para comemorar o dia do rizicultor, pois a festa intitulada “Festa do Arroz” antes era realizada em dois locais, um para as pessoas consideradas “pobres” e outra para os considerados “ricos”, entretanto, em ambas se exaltava a figura do trabalhador agrícola. Posteriormente, a festa é realizada apenas por pessoas de poder aquisitivos superiores, e quase não se ver a presença dos produtores de arroz nas festas, como pode ser observado nas falas de Pedro Vicente, João Batista e Francisco Chagas Araújo.

3.8 As principais dificuldades quanto à plantação de arroz e as suas possíveis soluções.

Devido às mudanças climáticas ou mesmo por meio de outros fatores, nota-se que há momentos em que as produções de produtos agrícolas passam por dificuldades, todavia, se torna necessário medidas de prevenção que contribuam satisfatoriamente como soluções para o enfrentamento dos problemas existentes. Nesse contexto, foi indagado aos entrevistados quais as principais dificuldades quanto à plantação de arroz e quais as soluções. As respostas recebidas foram às seguintes:

- Pedro Vicente: As dificuldades é a precisão que é grande, principalmente pra mim. Eu tiro por mim, né. Porque, às vezes a

dificuldade acontece isso: porque na época, você não tem o dinheiro para comprar o produto pra comprar pra botar no arroz pra se desenvolver, Né. Isso já é uma dificuldade. Às vezes acontece de ele ter uma semente ruim, ai já é outra dificuldade que ele vai ter que jogar aquele arroz fora ou perder logo porque ele não vai saber se ele vai nascer e ai pra ele conseguir outra semente, ele vai comprar caro. Uma época da safra de arroz, a carga de arroz ta trinta reais, vinte e cinco, quarenta, mas na época de plantar a humilhação é tão grande pra quem não tem, que nem eu, é cinquenta, sessenta reais uma carga de arroz de semente, você está entendendo? Ai começa a precisão em cima de um pobre que nem eu. Não é uma dificuldade? É. Mas quando a gente tem uma semente boa ela diminui um tiquinho, ai você vai se preocupar com o que: com o adubo, aquele remédio que a gente compra pra matar o mato, que às vezes é muito caro porque, inclusive, nosso colega Ivaldo, ele compra em media de mil contos, dois mil conto um vidro, ai quer vender uma dose muito caro. ...mas o que eu gostaria de ter mesmo na nossa lagoa o que é muito importante pra muita gente, era uns canais porque as águas elas andam muito... Ela espalha muito, Né, entoa nos não estamos conseguindo e nem a administração, é fazer canal, porque tem lugar... Nos não temos uma máquina. Nossa máquina aqui é da associação pra fazer um canal... Aqui é baixo, a água vai passar aqui? Vamos fazer uma barragem pra água não... Pra ela correr sempre no canal, pra chegar a tempo pra todo mundo. Porque de bem daqui, de onde tem essa bomba bem aqui até chegar aqui na metade do terreno, ela agora bem, mas pra lá não vai porque é subindo. Se nos tivéssemos uma máquina, nos os plantadores de arroz, eu digo assim nós, não é pra nós comprar. (SILVA, 2018)

- João Batista: Ah, a dificuldade é grande. Tem que ficar aguando não deixar ficar no seco. Tem que mudar ele pra dentro da água que seca aquela malastra, tem que aguar direto, não pode deixar faltar água ainda mais quando ele ta começando a florar, ai que tem que ter água com fartura. Joga o adubo e a água pra ele ir “pra frente”.

E outra, quando o rio enche que empurra água mesmo, com fartura não têm barragem que segure a água. Tem muita gente que tem tomado prejuízo nos plantios porque quando o arroz ta maduro, tem acontecido há muitos tempos que a barragem quebra ai pronto se tiver arroz maduro leva com tudo o que tiver. Cansei de tomar prejuízo com vazante, o arroz tava quase amarelado, ela chegava lavava tudo pronto acabou. As barragens que eles fazem não têm segurança. Era pra ser umas barragens altas, toda no concreto e que tivesse as comportas de água. Quando tivesse seco, abria as portas encher de água. Quando tivesse cheio fechava as comportas. Era pra ser umas barragens toda no concreto, todas bem altas que desce para quando a lagoa não enchesse, não quebrar a barragem. Mas desse jeito, a planta, mas é arriscando o prejuízo. Por que todos os anos ela arrebenta as barragens e quebra tudo, cobre o arroz de todo mundo.

E ainda as pessoas que tem um pedaço de terra na lagoa se não tiver bomba tem que alugar um motor para puxar a água. Antigamente não. Quando nos trabalhávamos no campo as bombas eram todas por conta de Sr. Bezinho a gente pagava a metade, mas tudo era por conta dele. Antigamente quando o senhor Neném Calixto era encarregado, tinha

doze bombas e não faltava água não. Teve algumas vezes que chegava caminhões com sementes para distribuir para os plantadores. (BATISTA, 2018)

- Francisco das Chagas: Bom, as dificuldades que tem é que, em termo de que se nos tivéssemos o “embarramento”, que se chama barragem, para controlar as águas seria melhor ainda. Mas isso ninguém ta tendo né, ai tem de esperar só mesmo pela *vazagem* da lagoa, o rio vazar, baixando e a gente ir trabalhando. [...] barragem apropriada para você parar as águas, desvio de rio, pras águas nao passarem por dentro da Lagoa e sair por fora, com tinha uns projetos que nunca foram feitos. Aí seria uma boa, seria mais renda de arroz dentro do Buriti, entendeu? [...] Porque se tivesse barragem, como bem, o rio tá vazando, vazou, ta no ponto de plantar, fechasse as portas. Aí quer botar água, o rio tá alto..tá... ai abria as comportas, ai ficava água dentro da Lagoa pras bombas tirarem agua para cima, dos altos e você plantar o tanto que você pudesse. Mas nao tendo, corre o risco de você trabalhar muito e você terminar perdendo tudo na época, se chegar uma enchente, como chegou agora ano, 2018 que nos estamos, chegou em outubro. (ARAUJO,2018)

Dessa forma, percebe-se que as principais dificuldades observadas quanto ao plantio de arroz referem-se à falta de dinheiro para investimento além de uma semente de qualidade, pois nesse sentido, ela pode trazer prejuízos ao plantio, como observado na fala de Pedro Vicente; além do mais se observa que a quantidade de água também é essencial para o cultivo de arroz, sendo assim, os agricultores não podem deixar nem a terra ficar seca, nem alagar, como descrito por João Batista.

Quanto às soluções ressaltadas pelos entrevistados, observa-se que Pedro Vicente traz como uma possível solução, a construção de canais que distribuam da melhor forma as águas nas terras de plantio de arroz, evitando a má administração da água. Já João Batista e Francisco Chagas Araújo, enfatizam que é necessária a construção de barragens, pois as que são construídas atualmente não surtem o efeito esperado, trazendo prejuízos para os agricultores.

Quanto à construção destas barragens como possíveis soluções apontadas, o senhor Francisco das Chagas pontua que tinha uma barragem, a do Bolão, mas que houve um ano em que as águas ali represadas começaram a atingir as lavouras de um dos proprietários da região e este procurou junto ao governante da época, Alberto Silva, a solução para o seu caso particular: “quebrar” a barragem para escoamento da água excedente. Com respaldo de uma autoridade, este proprietário reuniu-se com seus trabalhadores e realizaram a façanha, o que evidentemente prejudicou outra classe

produtora: o trabalhador pobre.

Assim, ao tomarem esta decisão, percebe-se que não fizeram um levantamento das conseqüências advindas de tal ato, o que de fato prejudicou os trabalhadores mais pobres na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes, pois não teve como o nível das águas baixarem a tempo das plantações se recuperarem da tragédia que a acometera, no processo de escoamento para o rio Parnaíba através de outra Barragem com desembocadura para este rio, a Barragem do Abreu, assim popularmente conhecida.

Burlamaqui (1864), caracteriza práticas tradicionais de diferentes países, já Utumi (2008), defende o uso de técnica – Escolha da área; Limpeza da área; Amostragem do solo; Preparo do solo; Correção da acidez do solo; Adubação; Semeadura; Cultivares; Controle de plantas daninhas; Controle de pragas; Principais insetos pragas do arroz armazenado; Principais doenças do arroz; Controle das doenças; Colheita; Secagem; Armazenamento; Comercialização; Coeficientes técnicos e custos e da tecnologia – como forma e ou maneiras de reinventar a produção de arroz, uma vez que diante das péssimas condições climáticas, que assolaram e tem assolado o Estado do Piauí e de modo especial a cidade de Buriti dos Lopes, agregando a esta norma forma de plantar a agricultura irrigada do arroz.

Ao longo de todo este trabalho de conclusão de curso, da pesquisa de campo a escrita, nos fizemos ou pretendemos seu um pouco Paul Thompson “historiador missionário que sabe ouvir as pessoas, característica fundamental do historiador oral” (THOMPSON, 1998, p.18).

O mérito da Metodologia da História Oral não é o de trazer em si, necessariamente, esta ou aquela postura política, mas sim o de levar os historiadores, as instituições de ensino e a comunidade local/regional a tomarem consciência da atividade quem exercem contribuindo para a preservação e salvaguardar, por meio documento que é o Trabalho de Conclusão de Curso permitindo que seus pares e a sociedade tomem conhecimento, de forma sistematizada e organizada a história e memória dos agricultores/plantadores/rizicultores de arroz da cidade de Buriti dos Lopes e da relevância de se preservar os mananciais hídricos.

É por meio da história que as pessoas compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas: transformações sociais como as mudanças de atitude e as mudanças tecnológicas. Por meio da história local/regional, um bairro ou cidade busca sentido para sua própria natureza e cultura em mudanças. Assim, a história e o historiador exercem papel histórico sociocultural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Este estudo cujo objetivo foi expor relatos voltados para a produção de arroz no município de Buriti dos Lopes-PI das décadas de 1980 à segunda metade da década de 2010, procurou-se evidenciar a importância desta lagoa para a economia e para a população local e circunvizinha. Sendo assim, os principais resultados adquiridos foram: em relação à importância da Lagoa Grande para o município de Buriti dos Lopes, percebeu-se que o arroz é considerado um alimento essencial para muitas famílias da localidade, bem como é exportado para outros estados devido a grande quantidade de arroz produzido em estudo.

Sobre a experiência dos agricultores na produção de arroz, verificou-se que possuem uma longa trajetória no cultivo do arroz, o que lhes trazem experiência quanto à forma de plantar e cultivar, entendendo um pouco da história do cultivo de arroz na cidade de Buriti dos Lopes-PI. Já em relação ao cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes, notou-se que os entrevistados conhecem o período certo de preparar a terra, cultivar e produzir o arroz.

Em relação à História do cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes, verificou-se essencialmente a forma como era produzido o arroz ao longo dos tempos, destacando o que mudou de antigamente para a atualidade, ou seja, a facilidade encontrada, pois atualmente devido à tecnologia, toda produção é realizada mais rapidamente.

Quanto à importância do arroz para a economia de Buriti dos Lopes, entendeu-se que a importância do arroz deve-se a grande quantidade de sacos desse cereal produzidos no período das safras na Lagoa Grande, pois além de contribuir para o próprio sustento dos lavradores, também é utilizado como produto exportador, contribuindo para as finanças da cidade em estudo.

Acerca do processo de divisão das terras cultiváveis para a plantação do arroz, percebeu-se que a divisão das terras particulares ou privadas, ocorria de maneira que o proprietário as dividia para pessoas que gostariam de trabalhar, todavia em troca era dado um quinto de tudo aquilo que era produzido para o dono das terras. Posteriormente, os proprietários valorizaram a terra, deixando-as mais preparadas para o cultivo do arroz, e essa valorização e preparação do solo, tornaram o pagamento dado para os donos das terras mais caro, levando-os a darem a metade de tudo aquilo que é produzido para os donos das terras.

Logo a partir do processo de divisão das terras cultiváveis na área em que pertencia ao Estado, muitas pessoas conseguiram um pedaço de terra para trabalharem mas pagando apenas um montante de 10% de toda a produção para a associação criada com finalidade de buscar, de lutar pelo bem comum e interesses dos plantadores de arroz desta Lagoa.

Ao que concerne aos principais movimentos culturais ocorrem na cidade para comemorar o dia do rizicultor, verificou-se que houve mudanças nas festas realizadas para comemorar o dia do rizicultor, pois o que antes era realizada em dois locais, sendo um para as pessoas consideradas “pobres” e outra para os considerados “ricos”, entretanto, em ambas se exaltava a figura do trabalhador agrícola. Entretanto atualmente a festa é realizada apenas por pessoas de poder aquisitivo elevado, e quase não se ver a presença dos produtores de arroz nas festas.

Em relação às principais dificuldades quanto à plantação de arroz e as suas possíveis soluções, percebeu-se que as principais dificuldades observadas quanto ao plantio de arroz referem-se à falta de dinheiro para investimento, além de uma semente de qualidade, ou mesmo quantidade de água também é essencial para o cultivo de arroz, sendo assim, os agricultores não podem deixar nem a terra ficar seca, nem alagar; já sobre as possíveis soluções encontradas, pode se referir à construção de canais que distribuam da melhor forma as águas nas terras de plantio de arroz, evitando a má administração da água ou mesmo a construção de barragens altas feitas com concreto, pois as que foram construídas atualmente não surtem o efeito esperado, trazendo prejuízos para os agricultores.

Há ainda a acrescentar a necessidade de união entre os próprios trabalhadores em lutar por melhorias e uma associação com maior atuação dentro das suas funções e prerrogativas a ela atribuída, mas que de acordo com alguns depoimentos, ela é fragmentada por não ter uma maneira efetiva de atuação junto aos plantadores de arroz da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes.

Portanto, este trabalho é de suma importância, pois faz o resgate e preservação da história da lavoura, do cultivo do arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes e fomenta outros estudos dentro desta temática.

FONTES E REFERÊNCIAS.

FONTES

Depoimentos

ARAÚJO, Francisco Chagas. **Depoimento concedido a Cassiano Costa do Nascimento.** Buriti dos Lopes, 2018.

NASCIMENTO, Maria da Conceição Costa do. **Depoimento concedido a Cassiano Costa do Nascimento.** Buriti dos Lopes, 2018.

NUNES, Francisco Carvalho. **Depoimento concedido a Cassiano Costa do Nascimento.** Buriti dos Lopes, 2018.

BATISTA, João. **Depoimento concedido a Cassiano Costa do Nascimento.** Buriti dos Lopes, 2018.

SILVA, Pedro Vicente da. **Depoimento concedido a Cassiano Costa do Nascimento.** Buriti dos Lopes, 2018.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Robério Bôto de. **A282 Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí: diagnóstico do município de Buriti dos Lopes / Organização do texto [por] Robério Bôto de Aguiar [e] José Roberto de Carvalho Gomes.** Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2004.

ASSOCIAÇÃO ARROZEIROS DE ALEGRETE. In: <http://www.arrozeirosdealegrete.com.br/novo/origem-e-historia-do-arroz/>. Acesso em: 20/04/2018 às 20:00h.

ARANTES, Antonio A. **Sobre o inventário e outros instrumentos de salvaguarda do patrimônio cultural intangível: Ensaio de antropologia pública.** In: **Anuário Antropológico 2007-2008.** p. 173-222. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 2008.

BENJAMIN, Valter. Sobre o conceito de História. In: **Magia e técnica, arte e política. Obras Escolhidas.** Vol. I. trad. Sergio Paulo Rounet. São Paulo: Brasiliense, 1994c.

BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BURLAMAQUI, Frederico Leopoldo César. (1864). **Cultura do arroz.** Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/302295/per302295_1864_00001.pdf> Acesso em 10 de Dezembro de 2018.

BURITI DOS LOPES É A REGIÃO QUE MAIS PRODUZ ARROZ. In: gshow.globo.com/Rede-Clube/Programao/noticia/2016/10/buriti-dos-lobes-e-o-municipio-que-mais-produz-arroz-no-piaui.html. Acesso em 23/ janeiro de 2018.

DELGADO, Maria Lucilia de Almeida Neves. **Memória e História: potencialidade da história oral.** ArteCultura: Uberlândia- MG. Vol. 5. N. 6, JAN – JUN/2003.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003

FAO- **Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura**, 2004.

FERREIRA, C.M., *et al.* **Qualidade do arroz no Brasil: Evolução e padronização**. Embrapa Arroz e Feijão, Santo Antônio de Goiás – GO, 2005.

FERREIRA, Maria Nazareth. **As festas populares na expansão do turismo: a experiência italiana**. São Paulo. Arte e Ciência, 2006.

FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. **História da alimentação**. São Paulo, SP: Estação da Liberdade, 1998.

Fundação _____ CEPRO. _____ In: www.cepro.pi.gov.br/download/201309/CEPRO27_28a1d105b5.pdf > Acesso em: 19/04/2018 às 18:00h.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Festa, Trabalho e Cotidiano**. In: JANCÓS; KANTOR. **Festa: Cultura e Sociabilidade na América portuguesa**. SP: Hucitec, 2001. v. 2.

HALL, Stuart. **Quem precisa de identidade**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2006.

HEISLER, Nadia. (2008). **Desperdício de alimentos no país gera prejuízo de R\$ 12 bilhões por ano**. In: <http://www.metodista.br/rroonline/noticias/economia/pasta-1/desperdicio-de-alimentos-no-pais-gera-prejuizo-de-r-12-bilhoes-de-reais-por-ano> Acesso em 10 de Novembro de 2018.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 2. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. In: www.iphan.gov.br. Acesso em 23 de janeiro de 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE. In: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/buriti-dos-lobes/historico> Acesso em: 25/04/2018 às 11:40h

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008c.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991a.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1988.

MARIN, R.A.; CARNEY, J. (1999). **Aportes dos escravos história do cultivo do arroz africano nas Américas**. In: <<https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/149/145>> Acesso em 10 de Novembro de 2018.

PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro P. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008.

PEREIRA, José Almeida. **Cultura do arroz no Brasil: subsídios para sua história**. Embrapa Meio-Norte, p.226, 2002.

PORTAL BURITIENSE – (2010). In: <<http://www.portalburitiense.com.br/2010/10/25/conheca-nossa-historia/>> Acesso em: 19/04/2018 às 16:00h.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Revista Projeto História**, São Paulo: EDUSC, n. 10, 1997.

SUPER INTERESSANTE. (2017). **Chineses já cultivavam arroz há pelo menos 9.400 anos**. In: <<https://super.abril.com.br/ciencia/chineses-ja-cultivavam-arroz-ha-pelo-menos-de-2019-400-anos/>> Acesso em: 15 de Dezembro 8.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VANNUCCHI, A. **Cultura Brasileira**: O que é, como se faz. 3 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

VILLA, Marco Antonio. **A história das Constituições brasileiras**: 200 anos de luta contra o arbítrio. Imprensa: São Paulo, Leya, 2011.

UTUMI, Marley Marico. **Sistema de produção de arroz de terras altas**. 4. ed. Porto Velho, RO: Embrapa Rondônia, 2008.

WEBER, Jéssica Muniz. (2012). **Arroz**: características químicas, culinárias e nutricionais das diferentes variedades consumidas no Brasil. In: <<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6333/1/2012JessicaMunizWeber.pdf>>. Acesso em 10 de Dezembro de 2018.

X CONGRESSO BRASILEIRO DE ARROZ IRRIGADO. (2017). **Panorama e perspectivas do mercado brasileiro do arroz**. In: <http://www.cbai2017.eventos.dype.com.br/download/download?ID_DOWNLOAD=14> Acesso em 11 de Dezembro de 2018.

ANEXO

QUESTIONÁRIO PARA SUJEITOS DA PESQUISA

1. Para você, qual a importância da Lagoa Grande para o município de Buriti dos Lopes?

2. Quantos anos você produz arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes?

3. Como ocorre o cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes?

4. Você conhece um pouco da história do cultivo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes? Comente.

5. Na sua opinião, qual a importância do arroz para a economia de Buriti dos Lopes?

6. Como ocorre o processo de divisão das terras cultiváveis para a plantação do arroz?

7. Quais os principais movimentos culturais ocorrem na cidade para comemorar o dia do rizicultor?

8. Quais as principais dificuldades quanto à plantação de arroz e quais as soluções?



Foto 01: Buriti dos Lopes - PI
Fonte: Google Maps.



Foto 02: Buriti dos Lopes – PI (Barragens)
Fonte: Google Maps.



Foto 03: Arroz plantado no pé.
Fonte: Samuel Fonseca (2018).



Foto 04: Malastra de arroz na Lagoa grande de Buriti dos Lopes – PI.
Fonte: Nilto Cesar (2013) - buritiecologia.blogspot.com



Foto 05: Arroz pronto para colheita na Lagoa grande de Buriti dos Lopes – PI.
Fonte: Cristiano Costa (2010)



Foto 06: Colheita manual de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes – PI.
Fonte: Denise Meneses (2013) - Projeto Rondon.



Foto 07: Arroz empilhado manualmente na Lagoa grande de Buriti dos Lopes - PI.
Fonte: O autor.



Foto 08: Antigo método de extração do arroz dos cachos (bater o arroz).
Fonte: Gilson Oliveira, (2011) – www.youtube.com.br



Foto 09: Vista parcial do campo de arroz na Lagoa Grande de Buriti dos Lopes – PI.
Fonte: Cristiano Costa, (2015).



Foto 10: Plantio inundado pela enchente da Lagoa Grande de Buriti dos Lopes – PI
Fonte: O autor.